

SAGARANA / J.G.ROSA



Neste livro, um conjunto de sagas - histórias épicas, folclóricas, de amor, mistério e aventura - universaliza o sertão, mistura o popular e o erudito, fecunda de vida o mundo primitivo e mágico dos Gerais.

A) Narrador

Sagarana reúne nove contos nos quais estão presentes os temas básicos de João Guimarães Rosa: a aventura, a morte, os animais metaforizados em gente, as reflexões subjetivas e espiritualistas. Cinco deles - O burrinho pedrês, Duelo, São Marcos, A hora e a vez de Augusto Matraga e Corpo fechado - trazem para os sertões de Minas Gerais peripécias de antigas histórias épicas ou heróicas. O lirismo dos temas do amor e da solidão transparece em Sarapalha e Minha

gente. Em A volta do marido pródigo há uma espécie de heroísmo gaiato, enquanto que as reflexões sobre o poder e a fraqueza centralizam-se em Conversa de bois.

O narrador dos contos de Sagarana muitas vezes caracteriza como folclóricas as histórias que conta, inserindo nelas quadrinhas populares e dando-lhes um tom épico e/ou de histórias de fada. Por exemplo, temos o Era uma vez que inicia o conto O burrinho pedrês [Era um burrinho pedrês]. Neste conto, assim como em Conversa de bois e em A volta do marido pródigo, os animais se transformam em heróis, questionando o saber dos homens com o seu suposto não saber.

A onisciência do narrador dos contos em terceira pessoa [O burrinho pedrês, A volta do marido pródigo, Sarapalha, Duelo, Conversa de bois e A hora e vez de Augusto Matraga] é propositalmente relativizada, dando voz própria e encantamento às narrativas e acentuando sua dimensão mítica e poética. Percebemos, ainda, a alternância de focos narrativos no diálogo de instrumentos - uma clarineta insinuante, fanhosa e meio fraca [associada ao personagem Turíbio] e uma tuba solene, penetrante, mas arquejando pelo esforço [associada ao personagem Cassiano] - em Duelo. Em Sarapalha, o contraponto de tempos verbais, passado e presente - o passado relacionado à impotência e à saudade da esposa de um dos protagonistas, o presente ao momento da doença vivido pelos dois primos - contribui para reforçar a atmosfera de dor e isolamento, de claustrofobia, em que se encontram os personagens.

Nos contos em primeira pessoa - São Marcos, Minha gente, Corpo fechado - evidencia-se o universo primitivo e fantástico de Guimarães Rosa. O personagem-narrador de São Marcos, por exemplo, se diz avesso à feitiçaria e às outras artes mas se refere a elas constatemente e as acaba utilizando. Outro exemplo é o matuto Manuel Fulô, de Corpo fechado, que conta as suas histórias do sertão ao homem da cidade [como Riobaldo, em Grande sertão: veredas].

Finalmente, em Minha gente, um dos contos mais bem tramados do livro, a história principal é emendada, alterada, recontada por pequenos detalhes e elementos dados pouco a pouco ao leitor. O foco narrativo ilumina os passos do protagonista, mas também revela

certas sutilezas que servem para esclarecer o sentido mais profundo da história. Há uma partida de xadrez, narrada no início, que mostra como se deve entender o enredo em si: um xeque, dado pelo protagonista, acaba se virando contra ele próprio. Assim, a narração insinua ao leitor que as aparências dos fatos escondem, mais que revelam, sua verdadeira intenção.

Repletos de histórias dentro de histórias, de digressões filosóficas e de monólogos interiores que desvendam o universo dos homens, dos bichos e das coisas, os contos de Sagarana nos permitem uma espécie de ritual de iniciação, ao longo da leitura. Esta iniciação ocorre se conseguirmos compreendê-los em sua simbologia, na cosmovisão alógica, mágica, mítica e poética que humaniza em sentido profundo os protagonistas - aparentemente apenas sertanejos dos Gerais - e universaliza o sertão. O sertão é o mundo, diz o Riobaldo de Grande sertão: veredas. De Sagarana, podemos afirmar o mesmo, como veremos a seguir.

B) Enredos

Através do sumário do enredo de cada conto de Sagarana e do comentário geral, você poderá perceber a grandeza e a coesão das temáticas abordadas.

1. O burrinho pedrês

A trama desse conto, como nas demais narrativas de Guimarães Rosa, é relativamente simples. O velho burrinho Sete-de-Ouros, por falta de outras montarias, é engajado para levar uma boiada vendida pelo dono da fazenda, o major Saulo. Durante a viagem, ficamos sabendo que o vaqueiro Silvino quer matar o vaqueiro Badu, por causa de uma moça. Francolim, que é uma espécie de ajudante-de-ordens do major, denuncia a briga ao patrão, mas nada é feito para evitá-la.

Silvino chega a provocar um acidente, com o intuito de fazer os bois atropelarem Badu. Quando vê que não consegue matá-lo desta forma, planeja fazê-lo pessoalmente, na viagem de volta, depois de atravessarem o ribeirão cheio pelas chuvas. Nesse retorno, Badu está

bêbado. Por isso, os demais vaqueiros deixam-no com o burrinho Sete-de-Ouros. Ao atravessarem o ribeirão, morrem na enchente oito vaqueiros, inclusive Silvino. Badu é salvo heroicamente pelo Sete-de-Ouros, que consegue chegar à outra margem e ao descanso merecido. Traz, vitorioso, o bêbado apaixonado na sela e Francolim agarrado no rabo...

2. A volta do marido pródigo

Lalino Salathiel é um mulatinho descarado: simpático, malandro, enganador e esperto. Não é só da grei dos sapos, mas também pertence à tribo de Leonardo, de Memórias de um sargento de milícias, e de Macunaíma: os heróis sem nenhum caráter. Sabe como poucos contar uma estória. A chave para entendê-lo melhor está em suas contínuas alusões a peças de teatro, quase sem Ter visto nenhuma. Ele parece constantemente representar, em tudo o que faz ou fala.

Sua esposa, Maria Rita, abandonada por ele, passa a morar com o espanhol Ramiro. Quando volta das aventuras no Rio de Janeiro, Lalino consegue recuperá-la das mãos do espanhol, que afugenta para longe.

3. Sarapalha

Há uma narrativa principal, que é bem simples: dois primos [Argemiro e Ribeiro], atacados pela febre terçã, recusam-se a sair de onde estão, a fazenda de Ribeiro. Enquanto esperam chegar os acessos da febre, vão lamentando a doença e a partida da esposa de Ribeiro. Em certo momento, Argemiro revela que havia se apaixonado pela esposa do outro, mas sem ter faltado com o menor respeito a eles, já que nunca contara o fato a ninguém. Ao saber disso, Ribeiro o expulsa da fazenda, e Argemiro vê-se obrigado a enfrentar o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezão [febre].

A outra história que aparece no conto é a da partida da esposa de Ribeiro, que o abandonou por um vaqueiro. Ribeiro, entretanto,

prefere ouvir uma história em que ela é raptada pelo diabo...

4. Duelo

Turíbio Todo é um seleiro papudo, vagabundo, vingativo e mau, nas palavras do narrador. E sua esposa não parece Ter melhor caracterização, uma vez que trai o marido e depois finge aceitá-lo de volta, sem se desligar do amante.

O militar Cassiano, um Don Juan, amante da esposa de Turíbio, é surpreendido [sem saber] em flagrante pelo marido traído. Para vingar o adultério, Turíbio pensa assassinar o rival, mas descobre que matara na verdade o irmão dele. Inicia-se aí uma Segunda vingança: não mais um marido buscando o amante da esposa, mas um homem [Cassiano] buscando o assassino do irmão.

Turíbio, então, passa de perseguidor a perseguido e, embora ao alvejar o homem errado tenha demonstrado incompetência, consegue escapar às perseguições de Cassiano, querendo cansá-lo. O militar sofria do coração e, com o esforço da perseguição, poderia encontrar a morte, por causa da doença.

Até esse ponto, Turíbio acerta. O coração fraco de Cassiano leva-o à morte, mas o destino tece armadilhas totalmente inesperadas. A vingança de Cassiano se completa pelas mãos de um capiau, que, de acordo com o quer prometera ao militar, em seu leito de morte, encontra Turíbio e inesperadamente o mata.

5. Minha gente

Neste conto, o moço da cidade vai passar uma temporada no campo, onde ocorre a história. Acha que se apaixona pela prima, Maria Irma, mas acaba se casando com a amiga desta, Armanda, que de repente o encanta para sempre. A prima então se casa com Ramiro, o ex-noivo da amiga, também muito satisfeita. Este final feliz é claramente reconhecido pelo personagem-narrador no último parágrafo do conto: E foi assim que fiquei noivo de Armanda, com quem me casei, no mês de maio, ainda antes do matrimônio da minha prima Maria Irma com o moço Ramiro Gouveia, dos Gouveias da fazenda Brejaúba, no Todo-Fim-É-Bom.

O nome do local - Todo-Fim-É-Bom - coincide exatamente com o desenlace da narrativa.

6. São Marcos

Há duas histórias neste conto. Uma delas, bem menor, é inserida no meio da outra, que conta a desavença entre o narrador e um feiticeiro. Por ter ridicularizado o negro Mangalô. José, o protagonista, torna-se alvo de uma bruxaria. Mangalô constrói um boneco-miniatura do inimigo, e coloca uma venda em seus olhos, o que faz José ficar cego, perdendo-se no meio do mato. Para conseguir achar o caminho de volta, mesmo sem enxergar, ele reza a oração de São Marcos, sacrílega e perigosa.

-Em nome de São Marcos e de São Manços, e do Anjo Mau, seu e meu companheiro...

-Ui! Aurísio Manquitola pulou para a beira da estrada, bem para longe de mim, se persignando, e gritou:

-Pára, creio-em-Deus-padre! Isso é reza brava...

Com o poder dado pela oração, mesmo cego José encontra a casa de Mangalô, ataca o negro e o obriga a desfazer a feitiçaria.

A outra história, dentro desta, constitui um pequeno episódio no qual José fala de um bambual onde ele e um desconhecido travam um duelo poético; o desconhecido fazendo quadrinhas populares, e ele colocando poemas como nomes de reis babilônicos.

7. Corpo fechado

Esta é uma história de valentões e de espertos, de violência e de mágica: Manuel Fulô [aliás, Manuel Viga, ou Manuel Flor, ou Mané das Moças, ou Mané-minha-égua] era dono de uma bela mulinha, na qual se exibia todo orgulhoso. Por conviver algum tempo com os ciganos, aprendeu deles toda a sorte de truques possíveis, envolvendo animais de montaria. Quando decide casar, Targino, um dos valentões [aliás, um dos últimos] da cidade cisma em ter para si a noite de núpcias:

-Escuta, Mané Fulô: a coisa é que eu gostei da Das Dor, e venho

visitar sua noiva, amanhã...Já mandei recado, avisando a ela...[...] um dia só, depois vocês podem se casar...Se você ficar quieto, não te faço nada...

Para enfrentar o valentão, Manuel faz uma troca com uma espécie de curandeiro da vila: dá-lhe sua mulinha e em troca o outro faz um feitiço para lhe fechar o corpo. Então, Manuel sai à rua a fim de enfrentar Targino, com a reprovação de todos. Acontece que este erra todos os tiros e Manuel o mata com sua faquinha.

8. Conversa de bois

Os personagens desta história, além da irara, são onze: o carreiro Agenor Soronho, o menino-guia Tiãozinho, o defunto seu pai e os oito bois do carro.

O carreiro é o bandido: amante da mãe do guia, maltrata o menino, órfão de pai. Os maltratos de Agenor ao menino vão num crescendo, até que os bois intervêm: começam a conversar entre si, contam histórias, comentam a vida e, enfim, percebem a maldade de Agenor e o sofrimento do menino. No final, os bois, humanizados, unem-se psiquicamente ao menino. Ele, então, consegue superar sua fraqueza com a força dos bois. Aproveitando que Agenor havia dormido perto da roda do carro, os bois e o menino dão um arranco forte e matam o carreiro, cuja cabeça é quase cortada.

9. A hora e vez de Augusto Matraga

Augusto Matraga é um fazendeiro é um fazendeiro violento e beberrão, criador de casos e boêmio, que não respeita as pessoas nem a família. Sua esposa, Dinorá, suporta-o pelo medo que tem da reação do marido se tentar se separar. A filha, por sua vez, não consegue entender por que o pai age dessa maneira.

A mudança na vida de Matraga vem depois de uma emboscada que sofre. Dado como morto, a mulher e a filha vão embora com Ovídio Moura, que quer Dinorá por companheira. Augusto Matraga, moribundo, é socorrido por um casal de pretos, que consegue o milagre de fazê-lo sobreviver aos ferimentos.

Quando se recupera, Augusto vai para longe com o casal, tentando acertar o passo de sua vida, perdida e desregrada. Passa, então, um período de ascese, em que busca o sofrimento como forma de purgar os pecados.

Depois de se dedicar durante muito tempo ao trabalho, sem conforto ou diversão, Matraga decide voltar ao saber que a mulher estava feliz com Ovídio, mas a filha havia se prostituído.

Na viagem, reencontra o chefe jagunço Joãozinho Bem-Bem, que havia hospedado em sua casa, e com quem fizera amizade.

Mas Augusto e o chefe jagunço se desentendem, pois este queria vingar a morte de um capanga e, na ausência do assassino, pretendia matar alguém de sua família. Matraga acha isso injusto e enfrenta o parente Joãozinho Bem-Bem.

No final do conto, ambos morrem, mas Augusto para ter consigo a sensação do dever cumprido.

C) Comentário geral

Desde o primeiro conto, O burrinho pedrês, estão presentes os elementos fundamentais para compreendermos os contos de Sagarana. O nome do burrinho, Sete-de-Ouros, por exemplo, é recoberto pela magia de um número místico [sete] e pela força simbólica do ouro, indicador de superação e de transcendência para os alquimistas.

Um burrinho velho e resignado, assume, assim, uma dimensão fantástica intensificada pelo tom de história de fada da narrativa [Era um burrinho pedrês] e pelo heroísmo que adquire graças ao acaso - outro elemento constante nestes contos - que o faz salvar Badu, o vaqueiro perseguido, e Francolim, da enchente e da morte. As quadrinhas folclóricas que povoam a narrativa, as estórias contadas pelos vaqueiros [a do boi Calundu e a do pretinho triste] iluminam a travessia do burrinho pedrês, de uma a outra margem do rio.

A travessia, a superação de obstáculos por ocultos caminhos é uma imagem freqüente em Guimarães Rosa, como também a presença de

forças mágicas, da natureza, atuando sobre o mundo e mostrando as possibilidades de os fracos se tornarem fortes, de se saber uma vida no resumo exemplar de apenas um dia...É o caso do Sete-de -Ouros, que, depois de agigantar-se sem perceber, farejou o cocho. Achou milho. Comeu. Então rebolcou-se, com as esponjadelas obrigatórias, dançando de patas no ar e esfregando as costas no chão. Comeu mais. Depois procurou um lugar qualquer, e se acomodou para dormir, entre a vaca mocha e a vaca malhada, que ruminavam, quase sem bulha, na escuridão. O burrinho voltou ao anonimato e á apatia da velhice, depois de gesto surpreendentemente heróico.

Conversa de bois é também uma história que conta a travessia, a superação da fraqueza convertida em força, através da união dos bois e de um menino maltratado: juntos, conseguem matar o bandido com a força da magia que animiza os bois, para melhorarem o mundo dos homens.

Em Corpo fechado temos uma temática semelhante, na qual o instrumento da vitória, um curandeiro, fecha o corpo e assim anula a fragilidade do protagonista que, imantado pela fé, vence o vilão, brutal e valente, mas sem o amparo do sagrado.

Em São Marcos, à feitiçaria que pode punir e também serve como reação à punição, enfatiza-se o dom e a magia da palavra cujo canto e cuja plumagem são celebrados no conto.

Nos contos Minha gente e em A volta do marido pródigo a esperteza é tematizada: a de Maria Irma [Minha Gente] e a de Lalino Salãthiel, o herói gaiato de A volta do marido pródigo.

Em Duelo, o acaso decide favoravelmente a Cassiano, permitindo-lhe que se vingue de Turíbio Todo.

Sarapalha, por sua vez, enfoca a solidão, o abandono e a decadência de dois personagens, que sofrem a doença física da maleita, e que não podem consolar-se mutuamente, devido á doença do coração - a saudade e o ciúme - que os separa, tornando-os mais isolados, mais sozinhos. Os protagonistas de Sarapalha representam o homem em desgraça, sem esperança nem horizonte.

A hora e vez de Augusto Matraga, finalmente, é uma história de redenção e espiritualidade, uma história de conversão.

Ao longo do seu enredo o protagonista, Augusto Matraga, passa do mal ao bem, da perdição à salvação. O agente desta passagem é o jagunço Joãozinho Bem-Bem. Podemos associar a ele o ditado: Deus escreve certo por linhas tortas, pois é o malvado Joãozinho Bem-Bem que permite a morte gloriosa e salvadora de Matraga. A dualidade entre o bem e o mal parece marcar esse mundo de jagunços e fazendeiros, no qual há a possibilidade de conversão quando chega a vez e a hora certa das pessoas, como ocorreu com Matraga.

D) Personagens

Nesta multiplicação de acasos movida pela necessidade, transitam os personagens de Sagarana, em seus encontros e desencontros: um burrinho velho salvando os vaqueiros da enchente [O burrinho pedrês], os bois salvando o menino dos maltratos [Conversa de bois], os feiticeiros salvando os fracos dos valentões [Corpo fechado], as artimanhas devolvendo a esposa ao marido [A volta do marido pródigo] ou corrigindo os erros do destino [Minha gente]. Assim, todas essas histórias têm um tom épico, heróico, embora não grandiloquente, mas lírico.

O desencontros de Duelo e de Sarapalha parecem tão providenciais quanto os encontros nos contos mencionados: a mesma razão exterior aos atos humanos que realiza a inesperada vingança de Cassiano contra Turíbio Todo [Duelo] parece desencadear o isolamento e a decadência dos personagens de Sarapalha.

Tal razão é alógica e mágica, conforme dissemos, e portanto aqueles em quem incide - os personagens de Sagarana - são os bichos, as crianças, os loucos, os bêbados, os homens rudes e simples. Trata-se dos seres em disponibilidade, à margem da produção econômica e por isso propensos ao devaneio, à aventura.

Neste contexto, podemos compreender os sucessos do Sete-de-Ouros, dos bois, do matuto Manuel Fulô, de José, o narrador-protagonista de São Marcos, que com este nome _ Estremeci e me voltei, porque, nesta história, eu também me chamarei José - sintetiza e resume o

que queremos dizer: no homem comum está a divindade, no pecador a salvação, como nos mostra Augusto Matraga.

E) Linguagem

Não é de estranhar que se compare ou se associe a linguagem de Guimarães Rosa ao estilo Barroco, pois em ambos encontramos os jogos de palavras, o prazer lúdico, quase infantil, dos trocadilhos, das associações inesperadas de imagens, do trabalho sonoro e poético com a prosa.

A pontuação das frases de Guimarães Rosa também está ligada a esta preocupação lúdica com a linguagem, que lembra o estilo Barroco: trata-se sempre de associar o jogo de palavras aos elementos da narrativa [personagens, narrador, enredo, etc.] Com a pontuação, ele busca um ritmo que só pode ser encontrado na poesia do sertão, na marcha das boiadas, na passagem lenta e imperceptível do tempo, no bater das asas dos periquitos, no balançar sinuoso das folhas do buriti.

Guimarães Rosa é, em conclusão, o criador de uma obra em que elementos da cultura popular e elementos da cultura erudita se mesclam para reinventar a força da linguagem sertaneja e mineira. Conhecedor de pelo menos dezoito idiomas, ao lado das palavras que traz do vocabulário sertanejo há várias construções importadas do latim, do francês, do inglês e do alemão em seus livros. Poucos como ele têm a capacidade de reunir a erudição das reflexões filosóficas à transposição do imaginário popular, sem menosprezar as primeiras, e simplificando o segundo.

É o que vemos ao ler alguns trechos de Sagarana, onde percebemos o ritmo, a cadência, a fecundidade e o mistério, difícil de decifrar, de sua linguagem.